Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2526-4036
Nº 3, volume 1, artigo nº 15, Janeiro/Junho 2018
D.O.I: http://dx.doi.org/xx.xxxxx/xxxx-xxxx/v1n1a1

ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADE A INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO: UMA INVESTIGAÇÃO ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO ITABAPOANA-RJ.

Adolfo de Oliveira Cravinho
Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. email: cravinhoadolfo@hotmail.com

Leonardo da Silva Jacomini
Enfermeiro, Especialista em Gestão Educacional e Práticas Pedagógicas pela Faculdade Metropolitana São Carlos, email: leonardojac@gmail.com

Bianca Magnelli Mangiavacchi
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Faculdade Metropolitana São Carlos, e-mail: bmagnelli@gmail.com

RESUMO

A adolescência é uma etapa da vida caracterizada por mudanças físicas e psicológicas, e que podem, consequentemente, tornar os adolescentes vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) sendo necessário que os adolescentes sejam orientados a se prevenirem de possíveis doenças. Para tanto, as informações sobre autocuidado e prevenção devem ser oferecidas desde cedo, através de um diálogo aberto, sem preconceitos e que possibilitem a estes jovens expressarem suas dúvidas e anseios. O Papilomavírus Humano é uma enfermidade associada ao câncer de colo de útero, sendo de elevada incidência no Brasil, principalmente entre adolescentes. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi avaliar o nível de conhecimento dos alunos do ensino médio particular e público de escolas do Município de Bom Jesus do Itabapoana-RJ sobre o Papilomavírus Humano e suas manifestações clínicas, transmissão e prevenção e verificar as possíveis práticas e vulnerabilidades nessa população como forma de identificar os pontos necessários a serem discutidos com gestores locais para a efetivação de programas de educação em saúde e promoção em saúde. Foi possível constatar que os alunos possuem muitas dúvidas e há diferenças entre o nível de conhecimento dos alunos sobre o assunto nas diferentes instituições de ensino avaliadas. Portanto é de suma importância que haja uma revisão do ensino da educação sexual nas instituições de ensino, em que possam ser desenvolvidas ações que promovam a conscientização, para a prevenção contra o Papilomavírus Humano e de outras infecções, de forma a realmente oferecer um suporte educacional em saúde para os jovens e adolescentes.

Palavras-chave: Infecção Sexualmente Transmissível, Jovens, Vacinação.

ABSTRACT

Adolescence is a stage of life characterized by physical and psychological changes that may, therefore, make adolescents vulnerable to Sexually Transmitted Infections (STIs) and adolescents should be advised to prevent possible diseases. Therefore, information about self-care and prevention should be offered early, through an open dialogue, without prejudice and that enable these young people to express their doubts and desires. The Human Papillomavirus is a disease associated with cervical cancer, being of high incidence in Brazil, mainly among adolescents. In this context, the objective of this study was to evaluate the level of knowledge of the private and public high school students of the Municipality of Bom Jesus do Itabapoana-RJ on the Human Papillomavirus and its clinical manifestations, transmission and prevention and verify the possible practices and vulnerabilities in this population as a way of identifying the necessary points to be discussed with local managers for the implementation of health education programs and health promotion. It was possible to verify that the students have many doubts and there are differences between the level of knowledge of the students on the subject in the different educational institutions evaluated. Therefore, it is extremely important that there is a review of the teaching of sex education in educational institutions, in which actions can be developed to promote awareness, to prevent human papillomavirus and other infections, to provide educational support in health for young people and adolescents.

Keywords: Sexually Transmitted Infection, Adolescents, Vaccination.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Levando-se em consideração as doenças para as quais há tratamento, a Organização Mundial de Saúde (OMS) expõe as infecções sexualmente transmissíveis (IST's) como o segundo grupo mais importante de doenças entre mulheres (PINTO et al., 2012; WHO, 2006). Sendo o HPV uma enfermidade transmitida principalmente pelo contato direto do vírus com a pele ou mucosa infectada, onde a principal forma de transmissão se dá pela via sexual, que inclui contato oral-genital, genital-genital ou mesmo manual-genital, é crescente a preocupação com a proliferação da doença em todo o mundo (PINTO et al., 2012).

Segundo Brasil (2014), é comprovado que 99% das mulheres que estão condicionadas ao câncer do colo do útero foram contaminadas pelo HPV, sendo que chegam ao óbito cerca de 8.000 mulheres por ano por conta desse vírus. Os dados evidenciam que o câncer de colo de útero, o qual está ligado ao HPV, é uma enfermidade de significativa mortalidade em nosso país e no mundo. Também se estima que mais de 75% de adolescentes e adultos sexualmente ativos, com idade entre 15 e 49 anos, adquiram ao menos um tipo de infecção pelo HPV durante sua vida (PINTO et al., 2012).

Comumente, a infecção por HPV acomete jovens no início da atividade sexual, um fenômeno passageiro na maioria dos casos. Porém, um pequeno percentual de mulheres possui persistência da infecção, possivelmente devido à falha de mecanismos imunológicos, o que pode ocasionar alteração no epitélio cervical e transformação maligna. As mulheres que apresentam infecção persistente por tipos virais de alto risco do HPV são consideradas o verdadeiro grupo de risco para o desenvolvimento do câncer cervical (RAMA et al., 2008).

De acordo com os dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2010) o governo federal iniciou ações de prevenção de ISTs em colégios públicos a partir de 2003. Os profissionais das equipes da Saúde da Família fizeram uma parceria com os professores da rede pública e levaram à sala de aula conteúdos de saúde sexual e reprodutiva, sendo estas atividades incorporadas pelo Programa Saúde na Escola (PSE), implementado em 2008. O PSE é um dos instrumentos de conscientização dos estudantes de ensino médio para prevenir ISTs e evitar gravidez indesejada. O programa alcança cerca de 1.306 municípios brasileiros.

Dentro desse contexto, verifica-se que a sócio educação e a informação são de extrema valia pois, se por acaso houvesse mais comunicação tanto nas redes midiáticas, como nas escolas e sociedade, haveriam menos mortes devido a esta infecção provocada pelo HPV (PAULA, 2006). Vale salientar que, geralmente, infecções detectadas em adolescentes refletem doença benigna e infecções detectadas em mulheres mais velhas, infecções persistentes e um maior risco de lesão intraepitelial cervical avançado, o que pode ocasionar o câncer cervical invasivo (WIDDICE, MOSCICKI, 2008).

Diante do exposto e da relevância do tema, o presente estudo teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento dos alunos do Ensino Médio de Escolas do Município de Bom Jesus do Itabapoana sobre o Papilomavírus Humano (HPV) e suas manifestações clínicas, bem como sobre a vacinação contra a doença para que haja a diminuição desses números a nível de saúde pública.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho consistiu de uma pesquisa investigativa exploratória desenvolvida com alunos do Ensino Médio de três instituições de ensino presentes no município de Bom Jesus do Itabapoana, Rio de Janeiro: uma instituição particular, uma instituição pública estadual e uma instituição pública federal.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito do assunto e com isso então, elaborado um questionário composto por questões fechadas, o qual foi aplicado

aos alunos no mês de novembro de 2014. Esse questionário foi apresentado à direção das instituições junto com o termo de consentimento livre e esclarecido. Os questionários foram aplicados durante o horário de aula, onde a professora cedia um tempo para que os alunos pudessem respondê-los. É importante salientar que o questionário foi voluntário e anônimo. Os resultados dos questionários aplicados foram reunidos para análise e plotados em gráfico utilizando o programa GraphPad Prism versão 6.01.

DESENVOLVIMENTO

O Papilomavírus Humano é um vírus com DNA de dupla fita, com cerca de 8000 pares de base que codificam todas as funções virais. Não possui envelope lipídico e mede aproximadamente 55 nanômetros de diâmetro. São conhecidos mais de 100 tipos de HPV, sendo que cerca de 30 tipos podem causar infecções anogenitais, dos quais aproximadamente quinze são oncogênicos (PINTO et al., 2012).

Este vírus está associado a diferentes doenças em humanos, incluindo verrugas comuns em genitais, carcinoma esofagiano, laríngeo e cervical, carcinoma de cabeça e pescoço (PINTO et al., 2012). A infecção por HPV também pode causar condilomas anais, constituindo um fator de risco para o aparecimento de displasias, podendo evoluir para câncer. A incidência de carcinoma na região anal em pacientes com condiloma anal é de 3-4%, aumentando bastante em pacientes HIV positivos. As lesões malignas da região anogenital possuem etiologias similares, incluindo infecções virais (HPV), hábitos sexuais e fatores educacionais e sociais (WYSOCKI et al., 2004).

Já se tem descritos cerca de 118 papilomavírus, abrangendo aproximadamente 100 tipos de HPV que foram totalmente sequenciados. Contudo, muitos tipos ainda permanecem sem classificação (CAVALCANTI, CARESTIATO, 2006). No entanto, apenas 40 desses estão correlacionados com aparecimento de verrugas ou feridas em áreas genitais. Desses 40 tipos, 20 são avaliados como de elevado risco, isto é, apresentam predisposição a carcinogênese. As áreas físicas onde se apresentam os HPV's são principalmente colo do útero, vulva, vagina, pênis e região anal, além das mucosas orais e laríngeas (MONSONEGO, 2009). Sendo assim, por existir tantos subtipos identificados de vírus percebe-se que os estudos nessa área são mantidos pela sociedade científica, pois assim os estudos chegarão a mais subcategorias que possivelmente ajudarão no controle da doença (VARELA, 2009).

Os vírus podem ser divididos em 2 grupos de acordo com seu potencial oncogênico: no grupo de baixo risco encontram-se os tipos de HPV 6, 11, 42, 43 e 44 que estão

associados às verrugas benignas como o condiloma acuminado, apresentando proliferação anormal do epitélio, mas que muito raramente evidenciam transformações malignas; no grupo de alto risco encontram-se os tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 46, 51, 52, 56, 58, 59 e 68, presentes em cânceres invasivos (MONSONEGO, 2009).

O vírus não é transmitido pelo sangue ou sêmen (PASSOS, 1999). Desse modo, o contato sexual é a maneira corriqueira de contaminação entre adultos, podendo haver muito raramente a transmissão vertical, no caso de mãe para filho, no estado intrauterino, ou ainda por auto inoculação. A infecção genital por HPV pode se apresentar nas formas clínica, subclínica e latente, sendo as formas mais frequentes a subclínica e latente. A forma clínica é facilmente detectada e tem como principal característica a presença de condilomas (GROSS, PFISTER, 2004).

Consequentemente, portanto quando se observa clinicamente a infecção pelo HPV, em muitos casos tardiamente, a paciente vem a óbito gerando polêmicas que poderia ser monitorada desde o seu período infeccioso, podendo reverter o quadro de mortes precoces por conta do câncer do colo do útero acaso, a paciente se submetesse regulamente aos exames preventivos (ALDRIGHI, 2013). Estudos indicam que em muitos casos, a infecção do HPV é de caráter transitório pois a permanência do vírus pode ser por muitos anos no estado latente e posteriormente a um longo período originam-se as lesões (ARAÚJO, 2012). Com relação ao aspecto clínico as lesões podem ser únicas ou múltiplas, bem localizadas ou difusas e com variedades de tamanhos (BELDA JÚNIOR, 2009). O exame preventivo do câncer ginecológico, o Papanicolau, pode detectar adulterações precoces no colo do útero e deve ser feito rotineiramente pelas mulheres. Na forma latente, o HPV somente pode ser identificado por técnicas de biologia molecular (PINTO et al., 2012).

No que tange ao tratamento, a principal forma é a remoção das verrugas sintomáticas que livram o paciente de lesões por longo tempo. Também, não se pode afirmar que a remoção das verrugas tende a diminuir a infecção do paciente contra o câncer de colo do útero (ARAÚJO, 2012). Contudo, não há evidência científica, conforme descreve Monsonego (2009) que o tratamento do condiloma previne a evolução do câncer cervical, para ele, a grande parte dos indivíduos infectados pelo HPV possuem em torno de uma a dez verrugas e mesmo mantendo um método clínico para tratar do condiloma que já obteve sucesso em alguns casos, em outros pacientes pode não ser tão eficaz.

Em relação à prevenção, indica-se a necessidade de se manter os exames ginecológicos em dia e ter relações sexuais com proteção pois, de acordo com Araújo (2012), é uma maneira de se prevenir contra o HPV e de manter uma vida saudável.

Uma outra forma de prevenção é a vacinação. Em nosso país, duas vacinas já estão aprovadas: a quadrivalente (HPVs tipos 6, 11, 16, 18) e a bivalente (tipos 16, 18). Ambas as vacinas são compostas de partículas semelhante ao vírus (VLP). Cada tipo viral tem uma VLP correspondente para uso como vacina. Assim, uma vacina bivalente tem duas VLPs (16, 18), já uma vacina quadrivalente, quatro (6, 11, 16, 18). A vacina quadrivalente é administrada em três doses: data escolhida (1ª dose), 60 dias (2ª dose) e 180 dias (3ª dose) após a primeira. A vacina bivalente também é administrada em três doses: data escolhida (1ª dose), 30 dias (2ª dose) e 180 dias (3ª dose) após a primeira (PANISSET, FONSECA, 2009). Os tipos de HPV 6 e 11 (“baixo risco”) estão associados a condiloma acuminado, não a câncer cervical. Estas vacinas não atuam sobre as infecções pré-existentes, sendo indicadas para mulheres que ainda não iniciaram a atividade sexual, isto é, que não foram contaminadas pelo HPV. Portanto, a população a fazer uso da mesma é prioritariamente pré-adolescentes. Sua ação preventiva limita aos tipos de vírus específicos (HPV 16, 18, 11 e 6) e, desta forma, sua incorporação ao sistema de saúde não deve substituir o programa de prevenção e controle do câncer de colo de útero, quando existente (CARVALHO, 2013).

Ao direcionar os papeis da escola como sendo uma formadora de opiniões, conforme afirma Passos (1999), a estruturação do conhecimento formal com o informal, ou seja, de forma interdisciplinar, propõe uma formação acadêmica pontuada em situações que envolvam o alunado no plano social e informa com base científica as consequências de uma entrada na vida sexual sem as devidas prevenções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do questionário contou com a participação de 124 alunos, sendo 25 alunos da instituição particular de ensino, 50 alunos da instituição pública estadual e 49 alunos da instituição pública federal. Traçando-se um perfil dos alunos, verifica-se a predominância do sexo feminino (51%), com alunos advindos da zona urbana (87%) e com uma renda familiar mensal entre 1 e 2 salários mínimos (35%), exceto para a instituição particular onde a renda mensal familiar foi de 2 a 4 salários mínimos.

No que tange à distribuição etária, verificou-se que a idade dos alunos fica compreendida entre 15 a 18 anos em todas as instituições escolares analisadas (Figura 1).

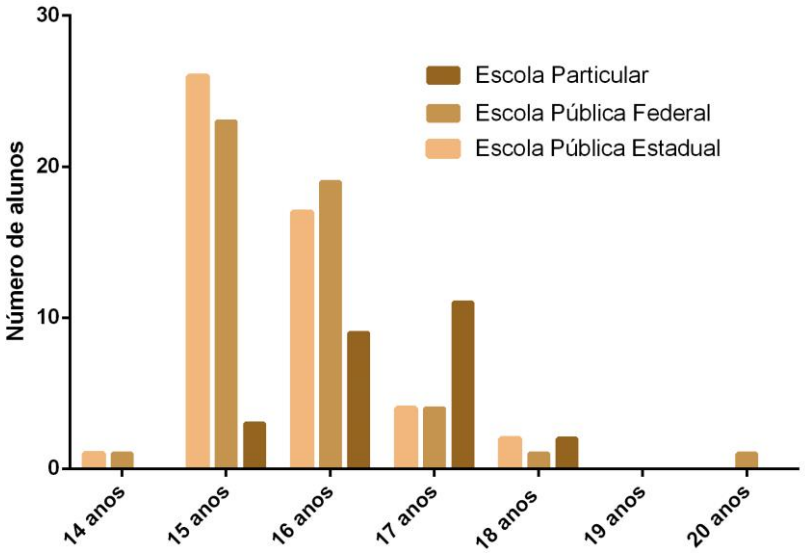

Figura 1: Quantidade de alunos distribuídos por idade de acordo com a instituição.

Fonte: Autores, 2017.

Foi perguntado aos alunos se existe algum vírus relacionado com o desenvolvimento de algum tipo de câncer e foi possível observar que a maior parte dos alunos da instituição pública federal quanto da federal afirmaram corretamente que existe um vírus que está relacionado com o desenvolvimento do câncer. Apenas na instituição particular a maioria dos alunos afirmou erroneamente que não existe relação entre algum vírus e o câncer.

De acordo com Hossne (2008), a infecção pelo HPV é uma das ISTs de maior incidência e prevalência no mundo, sendo referida como uma lesão pré-neoplásica. Segundo Feitosa (2013), o nosso país é um dos líderes mundiais em incidência de HPV, sendo que a população mais atingida são mulheres com idade entre 15 e 25 anos. Este vírus está presente na gênese do câncer cervicouterino.

Também foi perguntado qual o significado da sigla HPV para os alunos e pode-se verificar que na instituição estadual e na federal a maioria dos alunos se julgou desconhecedores do significado da sigla. Mesmo assim, na instituição federal ainda uma parcela de alunos (33 %) assinalou a opção correta: Papilomavírus humano. Na instituição particular, a maioria dos alunos (48%) assinalou a opção correta e poucos se julgaram sem conhecimento sobre o significado desta sigla.

Os alunos foram questionados sobre a fonte de informações sobre o HPV e a maior parte dos alunos da instituição estadual disse obter as informações a partir da própria escola (34%) e, em segundo lugar, através da televisão (22%). Já os profissionais de saúde foram

citados por 16% dos alunos desta escola. Interessantemente, os alunos da instituição federal e particular afirmaram obter as informações sobre o assunto a partir da mídia, o que foi constatado por meio da alternativa “televisão” (31% e 40%, respectivamente). Na instituição federal a segunda alternativa mais assinalada foi “os profissionais de saúde” (21%) e uma boa parcela de alunos disseram ‘não receber informações sobre o HPV (18%). Enquanto isso, na instituição particular, 28% dos alunos afirmou receber informações na escola e 12% dos profissionais de saúde.

Os alunos também foram questionados quais locais do corpo a infecção por HPV pode se localizar (Figura 2).

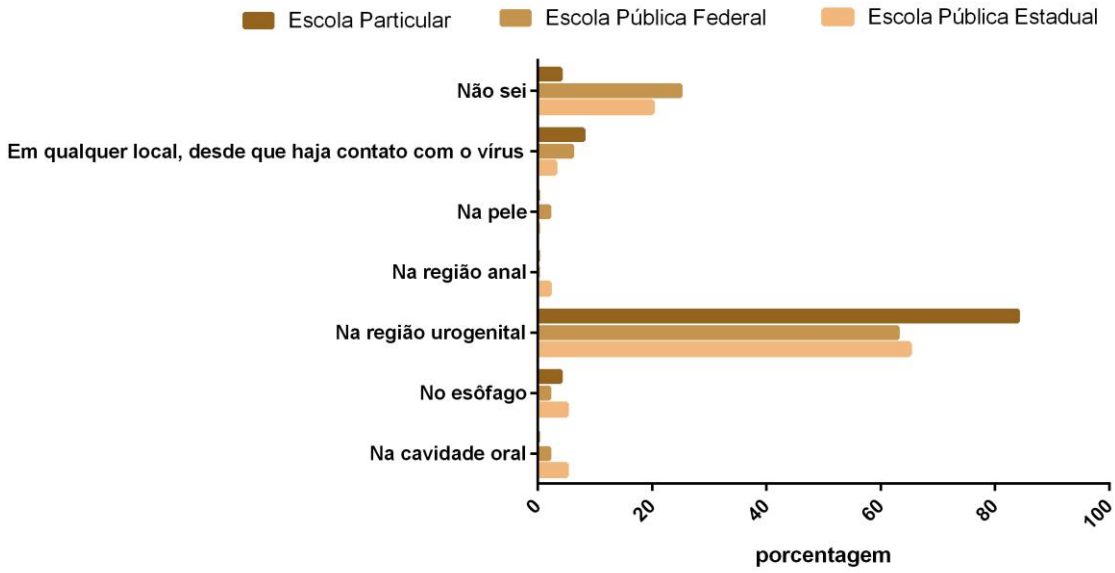

Figura 2: Porcentagem de respostas pelos alunos das instituições de ensino aos locais onde ocorrem as lesões pelo HPV.

Fonte: Autores, 2017.

Verifica-se que na resposta dos alunos de todas as instituições analisadas, há uma predominância acerca da região urogenital como o local onde a infecção pode se localizar. Todavia, a região anal também pode ser afetada e esta opção não foi assinalada por nenhum aluno da instituição federal e particular e na instituição estadual apenas 2% dos alunos assinalaram esta alternativa.

Conforme Hossne (2008), a infecção pelo Papilomavírus Humano atinge especialmente a cavidade oral, órgãos genitais e região anal, sendo este um dos principais

locais acometidos. Dentre os principais sintomas destacam-se o prurido anal e a presença de lesões vegetantes. A infecção anal tem maior prevalência em pacientes com antecedentes de tratamento de HPV genital, antecedentes de outra DST e HIV positivos. Vale a pena mencionar que diversos pacientes são assintomáticos.

Em concordância, Belda Júnior (2009) afirma que nos homens surge uma lesão verrugosa comumente na glande do pênis e na área anal. Já na mulher, os sinais de contaminação pelo HPV surgem na área vaginal, vulva, ânus e colo do útero. Também são identificadas algumas lesões na formação da boca e garganta. Além disso, conforme diz Feitosa (2013), o Papiloma é um vírus capaz de provocar lesões de pele ou mucosa, gera uma doença que se manifesta como infecção nos genitais tanto em homens como mulheres ocasionando lesões múltiplas, localizadas ou difusas e de tamanho variável.

Buscou-se saber se os alunos conheciam os modos de transmissão por HPV (Figura 3). Pôde-se observar que os alunos de todas instituições analisadas possuem algumas dúvidas em relação às formas de transmissão do papilomavírus.

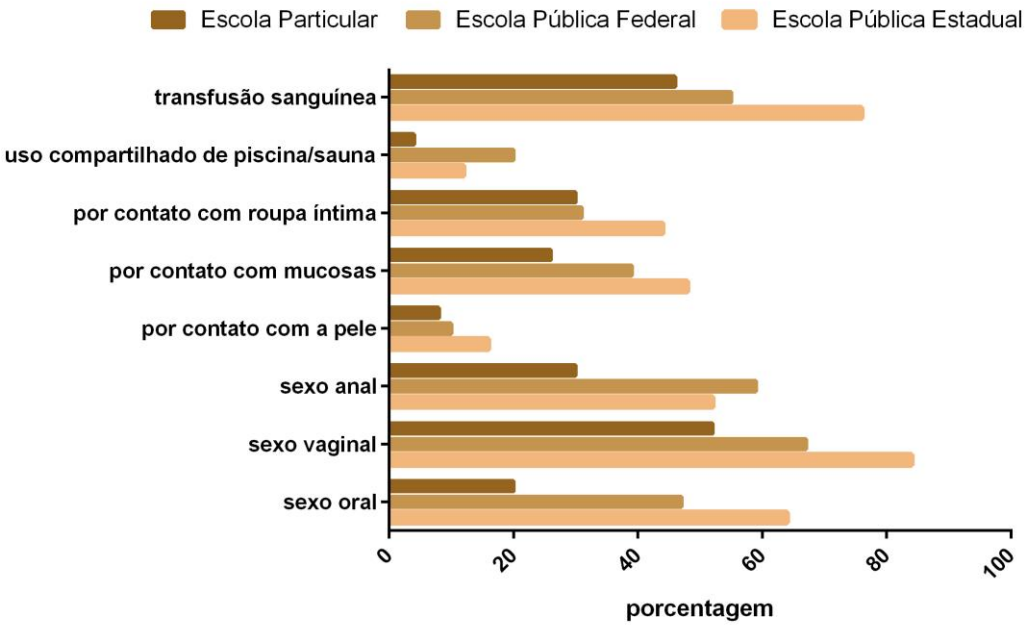

Figura 3: Porcentagem de respostas pelos alunos das instituições de ensino sobre as formas de transmissão do Papilomavírus.

Fonte: Autores, 2017.

Mediante a análise dos resultados obtidos, pode-se constatar que muitos alunos

afirmam não saber a resposta, fato este que, mesmo em percentuais distintos, ocorre em todas as instituições, independentemente de ser estadual, federal ou particular. Com isso, observa-se que os alunos ainda possuem muitas dúvidas a respeito deste assunto.

Os alunos também foram questionados sobre as como a infecção genital por HPV pode manifestar-se nos seres humanos. Os resultados se encontram na figura 4.

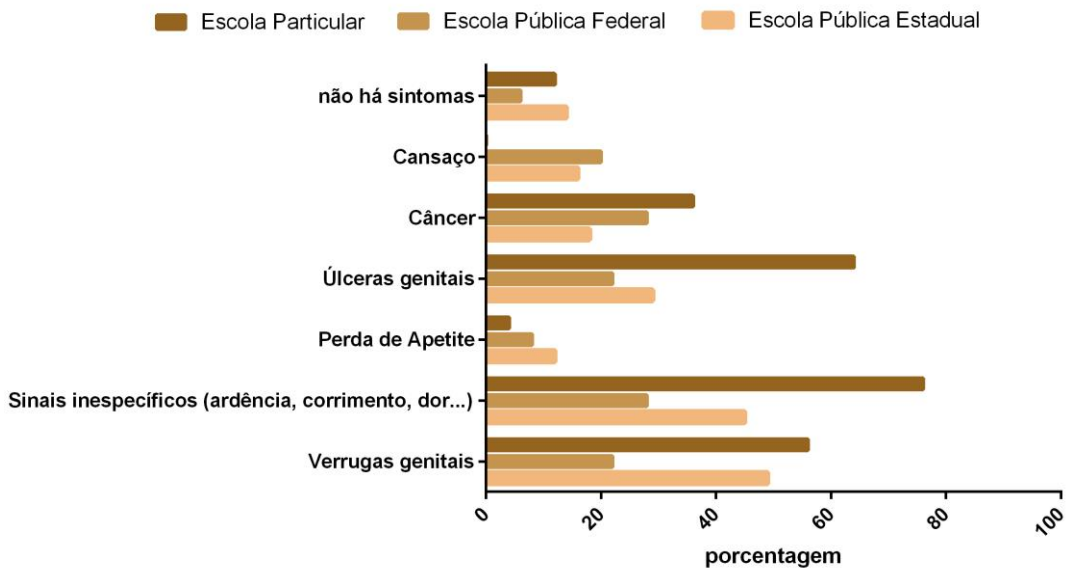

Figura 4: Porcentagem de respostas pelos alunos das instituições de ensino sobre os sinais e sintomas da Infecção por HPV.

Fonte: Autores, 2017.

Quando perguntados sobre a vacinação, os alunos da instituição estadual em sua quase totalidade (94%) que já foram vacinados contra o HPV, enquanto que os alunos da instituição federal e particular, em sua grande maioria, responderam que não foram vacinados (86% e 84%, respectivamente), como se pode observar na Figura 5.

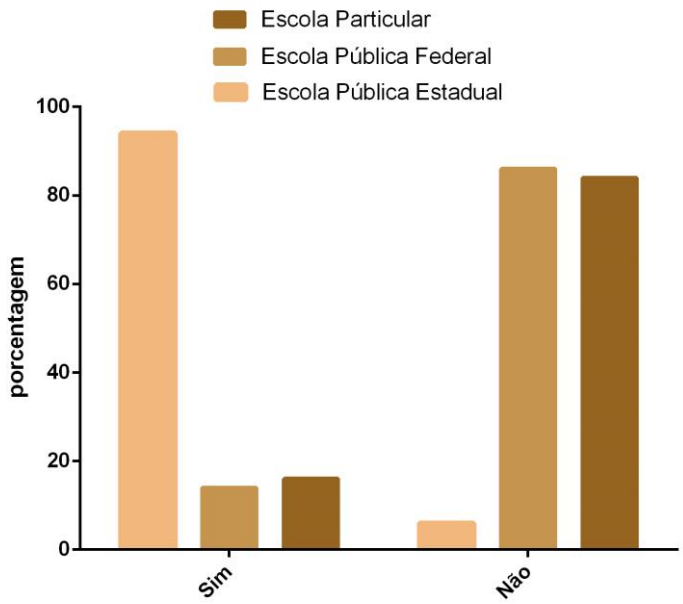

Figura 5: Porcentagem de respostas pelos alunos das instituições de ensino sobre terem tomado a vacina para prevenção do HPV.

Fonte: Autores, 2017.

O uso da vacina como forma de prevenção é conceito básico dentro do âmbito da saúde para várias doenças, o que mais uma vez vem corroborar com o que se infere até então, que o aluno destas instituições não tem o conhecimento e assimilação de conteúdos suficientes para se dizerem bem informados sobre o assunto.

De acordo com Nadal & Manzione (2006), as formas de prevenção propostas para o HPV foram o rastreamento das lesões precursoras e a imunização contra o HPV. Apesar da incidência do câncer genital ter decrescido por conta dos métodos de rastreamento, seu custo é muito alto e os resultados anormais geram distúrbios emocionais. Assim, a prevenção deveria ser disponível sob a forma de vacinação.

Vale a pena mencionar que as vacinas vêm se mostrando com maior eficiência quando administradas antes do início da atividade sexual e as campanhas de vacinação deverão ter como alvo os adolescentes e os pré-adolescentes. Com o uso difundido da vacina, almeja-se que cerca de 70% dos cânceres cervicais e doenças anogenitais sejam evitados. É importante que a família e os profissionais de saúde auxiliem na tomada de decisão para a vacinação, devido à pouca idade do público-alvo (GARLAND, 2006).

Nesse contexto, ressalta-se que a idade é um dos fatores de risco que podem predispor o aparecimento do HPV tanto no homem quanto na mulher, conforme afirma

Feitosa (2013): “A maior incidência ocorre entre os 20 e 40 anos de idade, que coincide com o pico da atividade sexual”. Desta forma, a proposta do programa de vacinação deve estar disponível, devendo ser clara, concisa e com mensagem educativa tanto para o público leigo como para os profissionais de saúde (GARLAND, 2006).

Quando perguntados se a divulgação feita atualmente contra o HPV é suficiente, foi unanimidade entre as instituições analisadas que não, isto é, a divulgação atual sobre o HPV não é satisfatória, como mostra a Figura 6.

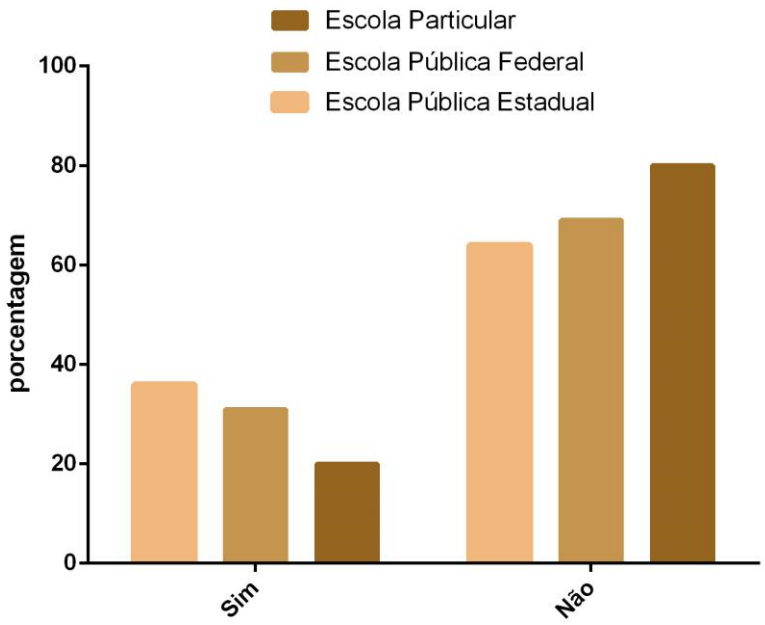

Figura 6: Porcentagem de respostas pelos alunos das instituições de ensino as informações disponibilizadas sobre o HPV.

Fonte: Autores, 2017.

Esses resultados são interessantes visto que a instituição federal é a única instituição de ensino no município que possui um setor de saúde a disposição para entender alunos além de ter assistência social para aconselhá-los. Isso, teoricamente, aproximaria mais os alunos de informações sobre saúde e educação sexual, do que nas instituições estaduais ou particular, uma vez que esse dependeria da disposição da secretaria de saúde e de convênios, os quais não atendem apenas a estas escolas para passar informações sobre a saúde e educação sexual. Vale ressaltar que os setores de saúde tanto do estado, município ou das instituições de ensino precisam promover educação em saúde para

melhoria da comunidade.

Todavia, pelos resultados obtidos neste trabalho de pesquisa, pode-se inferir que os alunos não estão devidamente informados sobre este assunto, o qual é de suma importância para a saúde e bem-estar destes alunos.

Em um estudo realizado por Cirino et al. (2010) em uma escola pública de São Paulo com 134 adolescentes entre 14 e 19 anos, verificou-se grande parte das adolescentes não apresentou conhecimento adequado sobre a prevenção desta neoplasia. A adesão ao Papanicolau também se mostrou baixa. As estatísticas justificam a inserção da adolescente nos programas de detecção deste câncer e, por isso, e imprescindível que se tenha investimentos na educação sexual nas instituições de ensino com enfoque e linguagem apropriada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no presente trabalho de pesquisa, observa-se que é imprescindível que haja uma revisão na educação sexual nas instituições de ensino para que essas possam efetivamente oferecer um suporte educacional em saúde para os jovens e adolescentes. Também é necessário associar às campanhas de coleta de Papanicolau atividades educativas com o enfoque adequado a cada faixa etária, bem como com uma linguagem direta e apropriada, a fim de se quebrar os mitos e desmistificar os tabus. Também é preditivo que se invista em novas pesquisas sobre a sexualidade e saúde reprodutiva desta população, analisando as influências sociais, econômicas e culturais e, principalmente, as questões de gênero que perpassam todas elas. Acredita-se que a partir do momento que as escolas e os pais se empenharem na preparação dos jovens sobre a sexualidade, será menor a prevalência de HPV entre os adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, J. M. Ginecologia. São Paulo. Atheneu Editora, 2013.

ARAÚJO, S. R. Citologia Cervico Vaginal – passo a passo. 2. ed. São Paulo: Dilivros, 2012.

BELDA JÚNIOR, W. Doenças Sexualmente Transmissíveis. 2. ed. São Paulo: Atheneu

Editora, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer. O que é HPV? Disponível em: http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=322 Acesso em: 27 nov. 17.

_____. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Estimativas da incidência e mortalidade por câncer no Brasil. Disponível em: http://portalsaude.saude.gov.br/ Acesso em: 13 nov. 17.

_____. Programa nacional de controle do câncer do colo uterino. Brasília (DF): Centro de Documentação; 2004. Disponível em www.inca.org.br/ programas. Acesso em: 19 nov. 17.

CARVALHO, I. S. Custo-utilidade da vacinação contra Papilomavírus Humano no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva, 28p., 2013.

CAVALCANTI, S. M. B.; CARESTIATO, F. N. Infecções Causadas pelos Papilomavírus Humanos: Atualização sobre Aspectos Virológicos, Epidemiológicos, Diagnóstico e Tratamento. **J bras Doenças Sex Transm**, v. 18, n. 1, p. 73-79, 2006

CIRINO, F. M. S. B.; NICHIATA, L. Y. I; BORGES, A. L. V. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e hpv em adolescentes. **Esc Anna Nery Rev Enferm** , jan-mar; v. 14, n. 1, p. 126-34, 2010.

FEITOSA, T. R. Diagnóstico citológico do papiloma vírus humano (hpv). Monografia – Faculdade Boa Viagem – Recife (PE), 34p., 2013.

GARLAND, S. M. Human papillomavirus vaccines: challenges to implementation. **Sex Health**. v. 3, n. 2, p. 63-5, 2006.

GROSS G, PFISTER H. Role of human papillomavirus in penile cancer, penileintraepithelial squamous cell neoplasias and in genital warts. **Medic Microbiol Immunol**, v.193, p.35-44, 2004.

HOSSNE, R. S. Prevalência de papiloma vírus (HPV) perianal assintomático em pacientes portadores de HPV genital tratados no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu. **Rev bras Coloproct**, v. 28, n. 2, p. 223-226, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DO CANCER – INCA. Ministério da Saúde. HPV e câncer. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=2687. Acesso em: 20 nov.17.

MONSONEGO, J. Infecções e doenças genitais causadas por HPV. São Paulo: Revinter,

2009.

NADAL, S. R. ; MANZIONE, C. R. Vacinas Contra o Papilomavirus Humano. **Rev bras Coloproct,** v. 26, n. 3, p. 337-340, Julho/Setembro, 2006.

PANISSET, K.S.P., FONSECA, V.L.M. Patologia cervical na gestante adolescente. **Adolescência & Saúde.,** v.6, n.4, 2009.

PASSOS, M. R. L. Doenças sexualmente transmissíveis. 4. ed. São Paulo: Cultura Médica, 1999.

PAULA, A.F. 2006 Câncer cérvico-uterino: ameaça (in)evitável? **Rev. Enferm. UERJ**. Rio de Janeiro, v.14, p.123-9, 2006.

PINTO, V. F. C.; BARBOSA, V. F. C.; PAIVA, S. G. Aspectos epidemiológicos e citológicos de infecções Pelo papilomavírus humano (HPV) em adolescentes: Uma revisão. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5, n.4, Pub.4, Outubro 2012.

RAMA, C.H.; ROTELI-MARTINS, C.M.; DERCHAIN, S.F.M. OLIVEIRA, E.Z.; MARIANI NETO, C.; ALDRIGHI, J.M. et al. Prevalência do HPV em mulheres rastreadas para o câncer cervical. **Rev. Saúde Pública**, v. 42, p.123-30, 2006.

VARELA, M. L. M. Colposcopia e papilomavírus humano (HPV). Rio de Janeiro: Cortez, 2009.

WHO. Health Topics. 2006. Disponível em: www.who.int/topics. Acesso em: 26 nov. 2006.

WIDDICE, L.E., MOSCICKI, A.B. Update for papanicolaou tests, colposcopy, and human papillomavirus testing in adolescents. **J Adolesc Health**, v. 43, p. 41-51, 2008.

WYSOCKI, W.; KOMOROWSKI, A. L.; KOLODZIEJSKI, L. S.; WYSOCKA, J..Synchronous anal and penile cancers. **Intern J of Urol**, v. 11, p. 1139-1141, 2004.